

EDUCAR É RESISTIR: MEMÓRIAS DE UMA PIBIDIANA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

Sabrina de Oliveira Rosa¹, Suziane de Sousa Gomes Oliveira²

¹ Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia – IFTO, campus Colinas do Tocantins. Bolsista do Programa de Iniciação à Docência IFTO. e-mail: <sabrinaoliveira62493@gmail.com>

² Supervisora do Programa de Iniciação à Docência – PIBID – Escola Municipal Cantinho da Alegria. e-mail: <prof.suzioliveira@gmail.com>

1 INTRODUÇÃO

A identidade docente é um processo em constante construção, influenciado pelas experiências pessoais, pelas interações sociais e pelos contextos nos quais o professor está inserido. Para Nóvoa (1992), a identidade profissional não é algo estático, mas se constitui na articulação entre formação e prática, por meio de um contínuo exercício de reflexão. Essa postura crítica é indispensável para enfrentar os desafios educacionais contemporâneos e para compreender que ser professor é também assumir uma função social de transformação.

Tardif (2002) destaca que o saber docente é composto por múltiplos saberes: os da formação acadêmica, os da prática profissional e os da experiência pessoal. Nesse sentido, programas como o PIBID assumem papel fundamental, pois promovem a integração entre teoria e prática, permitindo que o licenciando compreenda que ensinar envolve tanto a aplicação de conhecimentos científicos quanto a mobilização de competências afetivas e relacionais.

Complementando essa perspectiva, Freire (1996) enfatiza que ensinar é um ato político. O educador, segundo ele, deve comprometer-se com a transformação da realidade, ser capaz de se indignar diante das injustiças e atuar com esperança e criticidade. Para Freire, a educação não se limita à transmissão de conteúdos, mas é também um processo de conscientização que permite aos sujeitos compreenderem e transformarem o mundo.

Além disso, autores como Pimenta (2012) e Gatti (2010) reforçam a importância de experiências formativas no contexto real da escola. Essas vivências permitem ao futuro docente perceber que a prática pedagógica não é neutra, mas carregada de escolhas que revelam visões de mundo, valores e compromissos políticos.

A formação docente, especialmente no contexto brasileiro, é marcada por inúmeros desafios, como a precarização do trabalho, a desvalorização da profissão e as persistentes desigualdades sociais. Nesse cenário, educar torna-se um ato de resistência, e o processo de tornar-se professor exige não apenas conhecimento técnico, mas também um posicionamento ético, político e afetivo.

A prática pedagógica não se resume ao domínio de conteúdo ou à aplicação de metodologias previamente aprendidas, mas envolve a capacidade de construir relações de confiança, compreender as necessidades de cada estudante e adaptar o ensino à realidade local. Assim, formar-se professor implica aprender a lidar com a complexidade humana presente no espaço escolar.

Este artigo propõe refletir, por meio de memórias e vivências no PIBID, sobre como essa experiência contribuiu para a construção da identidade docente da autora. O contato direto com a realidade da escola pública, o enfrentamento de dificuldades cotidianas e a elaboração de práticas pedagógicas revelaram-se potentes formadores da prática educativa, reforçando a compreensão de que a docência é indissociável do compromisso social e da defesa intransigente da educação como direito humano.

2 OBJETIVO

Analisar, a partir das memórias e experiências no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), os processos de constituição da identidade docente, destacando como a articulação entre teoria e prática, o enfrentamento de desafios cotidianos e a vivência em contextos escolares complexos contribuem para a formação de professores críticos, reflexivos e socialmente comprometidos, configurando a docência como um ato de resistência e transformação educativa.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, baseada em relatos de experiência vividos pela autora durante sua participação no PIBID. As reflexões resultaram da observação direta em sala de aula, do planejamento e da execução de atividades pedagógicas, bem como dos registros produzidos ao longo do processo formativo, incluindo relatórios, planejamentos e diários de campo.

A análise seguiu uma perspectiva descritiva e interpretativa, priorizando a compreensão dos significados atribuídos às experiências. Foram consideradas, ainda, as interações com professores supervisores, colegas pibidianos e alunos, entendendo que essas relações desempenharam papel central na constituição da identidade docente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência no PIBID revelou que a docência vai muito além do conhecimento teórico adquirido na universidade. A realidade escolar exige sensibilidade, criatividade, empatia e, sobretudo, capacidade de resistência.

Foi preciso enfrentar a falta de recursos, lidar com dificuldades de aprendizagem, dialogar com diferentes sujeitos escolares e manter-se motivada mesmo diante de contextos adversos. Em alguns momentos, a escolha pela profissão foi questionada — inclusive por profissionais já atuantes na educação, que conheciam de perto os desafios do cotidiano escolar.

A participação no programa também proporcionou momentos de criação coletiva, como a elaboração de sequências didáticas adaptadas à realidade da turma, atividades lúdicas que despertaram o interesse dos alunos e a utilização de metodologias ativas mesmo em ambientes com recursos limitados. Uma experiência marcante foi a construção de materiais didáticos com sucata,

que não apenas envolveu os alunos, mas também reforçou a importância da sustentabilidade e da criatividade no processo de ensino-aprendizagem.

Ainda assim, foi nesses espaços de tensão que nasceram memórias significativas: o apoio da professora supervisora, a escuta atenta de uma aluna, o êxito de uma atividade cuidadosamente planejada. Esses momentos reafirmaram a escolha pela docência e fortaleceram o compromisso com a educação pública.

Como aponta Freire (1996), a docência é um ato de amor, coragem e compromisso com a transformação social. Essa convicção tornou-se mais sólida a cada experiência vivida no chão da escola, onde resistir significava insistir na crença de que todos os alunos podem aprender, desde que lhes sejam dadas oportunidades e apoio adequados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências vividas no âmbito do PIBID evidenciam que a formação docente se constrói em múltiplas camadas: nas práticas, nos afetos, nos enfrentamentos cotidianos e nas escolhas que reafirmam a docência como um compromisso ético, político e sensível. Inspirada pela perspectiva freiriana, compreendi que ensinar não é um ato neutro, mas sim um gesto de esperança e de escuta ativa.

Ao ingressar na escola pública como pibidiana, fui atravessada por realidades diversas que desafiaram não apenas o meu saber teórico, mas também a minha humanidade. Nesse percurso, os saberes da experiência, como destaca Tardif (2002), tornaram-se fundamentais, pois foi no cotidiano escolar que aprendi a dialogar com a diversidade, a criar com poucos recursos e a persistir mesmo diante do desencanto.

O PIBID revelou-se, assim, muito mais que um programa de iniciação à docência: constituiu-se como um território de formação crítica e afetiva, no qual resistir passou a ser parte integrante do meu processo de tornar-me professora. Defender políticas de valorização e formação docente, portanto, não é apenas uma demanda profissional, mas um compromisso com a dignidade e a esperança de quem escolhe ensinar, mesmo quando ensinar exige coragem, sensibilidade e reinvenção diária.

Por fim, reafirmo que educar é resistir. Resistir à lógica da exclusão, à falta de recursos, à desvalorização do magistério e às desigualdades que atravessam o espaço escolar. Ao mesmo tempo, é insistir na construção de uma escola pública que acolha, escute e transforme. É nesse caminho que sigo, convicta de que cada aula, cada gesto e cada palavra podem se tornar sementes de transformação social.

6 AGRADECIMENTOS

Agradecemos à escola e a todos os professores que me acolheram de forma tão generosa durante minha participação no PIBID. O apoio, a disponibilidade e a confiança depositados em meu

trabalho foram fundamentais para a construção das experiências relatadas neste estudo. Cada orientação, diálogo e gesto de colaboração contribuíram significativamente para minha formação docente e para a compreensão de que ensinar é, acima de tudo, um ato de cuidado, sensibilidade e resistência.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GATTI, B. A. Formação de professores: condições e problemas atuais. São Paulo: Cortez, 2010.
- NÓVOA, A. Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. São Paulo: Cortez, 2012.
- TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.